



Figura 1: Página do Mapa Subjetivo da União Européia, Vet, 2004

Segundo Vet [4], o designer deve ser capaz de investigar e desenvolver idéias sobre a sociedade e a cultura e transformar as observações em idéias úteis ou até mesmo deixá-las como perguntas. Martinelli [5] ressalta que “a finalidade mais marcante em toda a história dos mapas, desde o seu início teria sido aquela de sempre estarem voltados à prática, principalmente a serviço da dominação, do poder”. A realização de um atlas subjetivo é um ponto que abre a idéia da informação territorial para algo não oficial, estabelecendo parâmetros mais democráticos de interpretação dos espaços. A existência de um atlas subjetivo pode implicar que também exista um atlas objetivo, mas isso é uma questão que fica em aberto, por enquanto. Os atlas objetivos são impessoais e oficiais em sua realização plástica. Quando uma entidade geográfica ou cultural é mapeada, pode-se discutir se é possível, que para alcançar uma representação imparcial, apolítica e, portanto, objetiva, ela terá que ter o mesmo significado amanhã e hoje. Atlas são feitos por pessoas, e as práticas culturais e preferências pessoais influenciam as suas escolhas. Cada caracterização também é uma distorção mutável, e muitas vezes em desacordo com outras caracterizações.

Leão [6] relata que:

A experiência da psicogeografia, projeto do final dos anos 1950 proposto por pensadores do movimento situacionista, buscava relacionar o

slogan ‘todos têm o poder’ – com o objetivo de despertar a revolução a partir da atuação crítica e consciente no cotidiano – à criação de mapas subjetivos. As psicocartografias buscavam resgatar e redescobrir as ligações entre os conteúdos afetivos e os espaços públicos.

Segundo a definição dada pela Internacional Situacionista em sua edição número 01, em junho de 1958, a palavra psicogeografia conceitua o estudo das leis do meio ambiente geográfico e seus efeitos específicos sobre as emoções e comportamentos individuais ou grupais.



Figura 2: Imagem do Guide Psychogéographique de Paris, de Guy Ernest Debord, 1957

O mapa psicogeográfico “Naked City” (Figura 2) feito por Guy Debord e Asger Jorn é composto por recortes do mapa de Paris:

São, ‘unidades de ambiência’ (lugares), dispostos em posições aleatórias, que não respeitam seu local original. As setas vermelhas conectam os lugares e indicam a organização do espaço afetivo, a partir dos referenciais subjetivos, campos de força e de atração. Percebe-se, então, que as fotocollagens eram vistas como mapas [7].

A deriva tem suas origens no nomadismo, que é a errância voluntária pelas ruas de um lugar. Ainda segundo Leirias [7], essa é uma tradição que passa por Baudelaire (na figura do dândi), por Walter Benjamin (o flâneur), e as eambulações dadaístas e surrealistas. Estes